



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 29

A sabedoria profética de Jesusⁱ

Texto-base: Mt 22.15-46

Enquanto as autoridades estavam procurando uma maneira de prender Jesus (21:46), os entrosos públicos continuavam a ser inevitáveis toda vez que eles se deparavam com Ele. Muitos na multidão se deleitavam com esses debates de improviso, principalmente porque a maior parte da multidão tomava o lado do jovem desafiador contra a autoridade estabelecida, enquanto seu próprio interesse não parecesse estar correndo risco. Mas a exultação da multidão (22:22,33) não significou que ela havia compreendido a plena importância do que estava sendo dito, ou que ela a aplicara a si mesma.

O primeiro debate foi claramente uma armadilha planejada para enredar Jesus (22:15-22). Foi a obra de uma aliança maléfica entre os fariseus, a maioria dos quais ressentiram-se abertamente do governador romano, e os herodianos, que se adaptaram muito melhor ao poder estrangeiro. A pergunta deles tinha a ver com o tributo, o sinal mais óbvio e mais financeiramente doloroso da submissão a Roma. A Judéia era um ninho de intriga nacionalista, e muitas pessoas queriam desfazer-se do jugo estrangeiro. Se Jesus respondesse “sim” à questão colocada a Ele, Ele perderia uma enorme porção de apoio popular. De fato, aos olhos de muitos, uma resposta positiva teria significado que Jesus não era o Messias, uma vez que acreditava-se amplamente que o Messias libertaria a nação dos grilhões de toda a tirania estrangeira. Por outro lado, se Ele respondesse firmemente “não”, poderiam denunciá-lo às autoridades romanas como um traidor que estava incitando o povo à revolta - e esse teria sido o fim dEle.

Todavia Jesus não se deixaria ser pressionado por uma simples situação de escolher entre um e outro. Ele pediu uma moeda, aquele denário usado para pagar o tributo. Ao mostrá-lo, todos saberiam que de um lado estava a figura da cabeça do imperador, com as palavras (em Latim) “Tibério César, filho do divino Augusto” - ofensivo para qualquer judeu que acreditasse em apenas uma deidade. No outro lado estavam as palavras *pontifex maximus* - aproximadamente, “sumo sacerdote” - embora os judeus cressesem que o único verdadeiro sumo sacerdote estivesse na sucessão de Arão. A pergunta de Jesus desta vez (22:20) mal podia ser ignorada. A imagem era de César, a inscrição era de César.

E então veio a conclusão: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” (22:21). Essa não era simplesmente uma maneira capciosa de escapar de uma situação

difícil. Seu verdadeiro impacto pode ser julgado somente quando nós lembramos que a nação de Israel era em teoria um Estado teocrático - isto é, Deus era visto como a cabeça do Estado, e o rei humano era Seu vice-regente. Assim se Israel fosse subjugado por um inimigo como Roma, isto somente poderia ser porque Deus estava zangado com Israel e o estava punindo.

Toda esta compreensão depende do fato de que o povo de Deus, Israel, constituía um Estado. A maioria das nações gentílicas mantinha pontos de vista semelhantes, modificados é claro para se adaptarem ao seu politeísmo. A religião e a política estavam, portanto, unidas da maneira mais estreita possível. Mas a afirmação de Jesus considerou uma divisão de interesses. Ele previu uma comunidade messiânica, uma Igreja (16:18), não um Estado. Seus membros podem ter dupla obrigação: para com o Estado e para com Deus. Todavia em princípio, pelo menos, os dois são distintos. Certamente Paulo e Pedro aprenderam esta lição (veja Romanos 13:1-7; 1 Pedro 2:13-17).

Noutros lugares aprendemos que se as reivindicações de Deus e as reivindicações do Estado colidem, a primeira delas deve ter prioridade (veja Atos 4:19; 5:29) mas existe pouca dúvida de que a relação fundamental entre César e o povo de Deus foi mudada pela declaração de Jesus. Não é de se espantar que as pessoas tenham ficado maravilhadas. Elas não somente viram Jesus escapar de uma armadilha cuidadosamente preparada, como também sentiram uma mudança tremenda no relacionamento entre César e Deus.

Não será possível examinarmos minuciosamente a sabedoria de Jesus em Sua resposta aos saduceus (Mateus 22:23-33) e aos fariseus (22:34-40), exceto destacar um pequeno ponto neste debate com os saduceus. Jesus em Mateus 22:34-40 não colocou o amor contra a lei, mas identificou os maiores mandamentos dentro da lei. Toda a lei e os profetas “dependem” desses dois mandamentos no sentido de que nada nas Escrituras pode realmente ter sentido ou ser obedecido a não ser que as duas leis sejam obedecidas. O velho pacto, não menos que o novo, exigia um relacionamento de amor a Deus (Deuteronômio 10:12; 1 Samuel 15:22; Isaías 1:11-18; 43:22-24; Oséias 6:6; Amós 5:21-24). Portanto, a resposta de Jesus não estabeleceu um requisito jurídico do novo pacto, porém foi mais uma denúncia da religião meramente formal, não importa quão ortodoxa, se ela não for caracterizada pelo amor a Deus e ao próximo.

A final troca de opiniões (22:41-46) mostra Jesus partindo para a ofensiva. Até agora Ele havia respondido às perguntas dos seus oponentes; aqui Ele virou as mesas e lhes fez uma pergunta difícil oriunda dEle mesmo: “Que pensais vós de Cristo? De quem é Filho?” Em certo nível, Sua pergunta era fácil e a resposta dos fariseus estava correta; o Cristo (Messias) é na verdade o filho de Davi. Mas se Davi no Salmo 110 escreveu do Messias como “meu Senhor”, então certamente aquela resposta simples era inadequada. Afinal de contas, que pai jamais se dirige a seu filho como “meu Senhor”?

Esse foi o problema que Jesus criou para eles (Mateus 22:45,46), o problema que os fez silenciarem-se de tão embaraçantes. Os discípulos de Jesus ir iam com o tempo entender a resposta: embora o Messias fosse de fato o filho de Davi, Ele era mais do que isso. Ele era também o Filho de Deus num sentido especial, e Seu nascimento como membro da raça humana, ou Filho de *Davi*, foi extraordinário. Outro fariseu colocaria isso de forma esplêndida após sua conversão poucos anos mais tarde. O Filho de Deus, ele escreveria, “nasceu da

descendência de Davi segundo a carne”; mas por meio do Espírito de santidade Ele “foi declarado Filho de Deus em poder ... pela Sua ressurreição dentre os mortos - Jesus Cristo nosso Senhor.” (Romanos 1:3,4).

Mas se os oponentes de Jesus foram silenciados, eles não foram nem persuadidos nem desarmados; e, portanto, eram duplamente perigosos.

ⁱ Esta lição corresponde à parte final do capítulo 10 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).